



## **PRECARIADO: UM ESTUDO NA REGIÃO DO VALE DOS SINOS**

Sueli Maria Cabral<sup>1</sup>

Rodrigo Schmidt<sup>2</sup>

Betina Ludwig<sup>3</sup>

O processo de exploração dos trabalhadores aumenta no século XXI, sem dúvida; atualmente, o que antes era restrito ao mundo do trabalho, hoje se manifesta de forma paradoxal em diferentes aspectos da vida dos indivíduos. Para muitos teóricos, este fenômeno representa uma indicação do que é, na verdade, uma faceta do problema maior: o capitalismo, o qual é responsável por causar a crescente escassez de tempo e condições de vida ruins para milhões de pessoas. Fazendo com que milhares de trabalhadores, acelerem o ritmo de vida, sendo obrigados a deslocar-se diariamente, para grandes metrópoles e centros urbanos, em busca de emprego. Como resultado desse comportamento surgem os engarrafamentos causados pela alta quantidade de veículos. (CARVALHO, 2016).

O objetivo deste estudo é fornecer uma visão mais ampla do precariado na região do Vale do Sinos/RS. Para isso, é fundamental enfatizar que existem diferentes pontos de vista sobre a definição de precariedade. Sendo que, Standing (2014) compreende o precariado como uma classe-em-formação, se não ainda uma classe-para-si, no sentido marxista do termo. Enquanto, Braga (2012a) define o precariado como uma forma de proletariado precarizado. Em suma, identificamos o precariado como a fração mais mal remunerada e explorada, tanto entre os trabalhadores agrícolas quanto no proletariado urbano. Todavia, essa conversa se expande, de acordo com a visão de Alves (2012; 2013b),

A partir dessas diferentes perspectivas, como abordagem científica concordamos com a ideia apresentada por Alves (2012; 2013a; 2013b) e discordamos de Standing (2014) e Braga (2012b), pois Standing entende o precariado como uma nova classe, a parte perigosa do proletariado, ao passo que, para o último, o

---

<sup>1</sup>Doutora em Ciências Sociais, professora do Mestrado Acadêmico em Psicologia. Pesquisadora da área do trabalho e bem-estar do trabalho. E-mail: [suelicabral@feevale.br](mailto:suelicabral@feevale.br)

<sup>2</sup>Iniciado científico na universidade Feevale e Graduando em Psicologia. E-mail: [rodrigorosolenschmidt@hotmail.com](mailto:rodrigorosolenschmidt@hotmail.com)

<sup>3</sup>Jornalista, Mestranda em Psicologia na Universidade Feevale. E-mail: [betina\\_ludwig@hotmail.com](mailto:betina_ludwig@hotmail.com)



preariado é o proletariado precarizado, muitos trabalhadores que possui qualificações escassas (BRAGA, 2012b). Já Alves (2012, s/p) amplia tal pensamento e defende que o precariado é uma camada social dentro dos assalariados, sendo delimitados pelo salário e revelando ser o “proletário precarizado”, formado por jovens altamente escolarizados e frustrados em suas expectativas profissionais.

Assim, baseado nas ideias de Cabral e Veronese (2020), reafirmamos que o trabalho sempre ocupou um papel importante na formação e no desenvolvimento do pensamento social, pois tanto a revolução industrial quanto o capitalismo transformaram o trabalho em uma categoria central de análise da sociedade, transformando-o em uma alavanca para o processo de acumulação capitalista.

Quanto aos procedimentos metodológicos aplicados para realizar a investigação, do ponto de vista da abordagem do problema, optou-se por um modelo qualitativo; para sua finalidade, possui uma proposição explicativa; como procedimento técnico, adotou-se o trabalho de campo; e como ferramenta, entrevistas em profundidade com abordagem narrativa.

Em relação aos sujeitos das entrevistas, houve 28 participantes da pesquisa, no entanto, apenas 24 entrevistas foram consideradas/analizadas de acordo com os critérios definidos: a) assinar o termo de consentimento informado; e b) ter alto nível de escolaridade e viver em situação precária no trabalho desde 2019. As entrevistas são gravadas e transcritas, em seguida, explora-se o material, por meio da codificação e agrupamento de unidades de significado, características comuns observadas no discurso, levando à classificação para processamento de resultados (BARDIN, 2010).

Em síntese, a análise de dados realizada por meio de técnicas de análise de conteúdo, seguindo as orientações desenvolvidas por Bardin (2010, p. 38), é entendida em muitos aspectos como “um conjunto de técnicas de análise de mídia, utilizando procedimentos sistemáticos e um método objetivo de descrição do conteúdo de mensagens.” Vale ressaltar que este estudo faz parte de uma pesquisa maior, desenvolvida pela Universidade da Feevale, intitulada “Trabalho, Informalidade e Precariado: panorama do mercado de trabalho informal na Região do Vale do Sinos”.

Como resultados, destacam-se: dos 24 entrevistados, 65% são mulheres, a idade média é de 25,9 anos; 37,5% têm formação universitária, dos quais 87,5% na área das ciências sociais e humanas; 58,3% são negros ou negras; e 58,3%, casados e/ou em união estável. duas categorias surgiram: a) ressentimento: a esperança equivocada; b) sofrimento.



Quanto a primeira categoria, (ressentimento: a esperança equivocada) nota-se que a procura de soluções para o desemprego tem levado muitos indivíduos a apostarem no prolongamento da escolaridade como saída. Acredita-se que uma maior qualificação pode aumentar as chances de inserção no mercado de trabalho e proporcionar melhores condições de trabalho. No entanto, a eficácia dessa estratégia tem sido questionada considerando a realidade vivenciada por muitos indivíduos, como pode ser identificado no trecho de um dos entrevistados: *“Eu tinha esperança de uma vida melhor. Eu gostaria que neste momento da minha vida não estivesse dirigindo por 12 horas/dia. Eu acreditei e investi muito no meu futuro. Não tem emprego e o trabalho possível, o trabalho real é este”* (Entr.18).

A cultura do descartável, conforme descrita por Carvalho (2014), é um fenômeno que se estende ao mercado de trabalho e tem impacto na integração e estabilidade dos trabalhadores. Nessa cultura, o indivíduo é considerado descartável, sujeito à volatilidade do mercado e à lógica de corte de custos da empresa. Essa mentalidade descartável afeta não apenas as relações de trabalho, mas também a identidade dos próprios trabalhadores.

Quanto a segunda categoria (sofrimento) A aflição ligada a precariedade é um sofrimento contínuo, associado à falta de flexibilidade na organização do trabalho, baixos salários, nenhuma estratégia de mobilização coletiva, segurança e ordem etc., o que torna o sujeito incapaz de encontrar uma válvula de escape pulsional do trabalho, aliando a processos defensivos para sustentar-se no trabalho (BUENO; MACÊDO, 2012).

Nas entrevistas realizadas, ficou claro que uma sensação de insegurança e uma desvalorização social do trabalho estavam arraigadas de forma alarmante. Isso faz com que os trabalhadores percam a confiança em qualquer forma de identidade profissional, enraizada no sofrimento e nos problemas de saúde. Pode-se dizer que esse sofrimento decorre do que se denomina “insegurança subjetiva”, termo cunhado por Linhart (2009), que descreve o processo pelo qual esse sentimento de insegurança é vivenciado e internalizado pelos indivíduos.

Nesse sentido, não se trata apenas de uma situação objetiva, mas de um estado permanente de agitação, uma exposição da corrupção que os faz sofrer um sofrimento real, ao passo que a representação da realidade do sofrimento deve ser prioridade nas relações pessoa-trabalho. Sem dúvida, cada vez mais pessoas têm medo de



admitir que a categoria “sofrimento” pode indicar um problema social real que provavelmente se tornará objeto de uso político relevante (RENAULT, 2008).

Como considerações finais, podemos destacar que os resultados permitem afirmar que permanecer muito tempo em um emprego considerado instável pode, como vimos, ser um golpe direto na instabilidade emocional. Tais experiências podem levar a situações de fragilidade das relações sociais; além disso, traz implicações para a saúde mental, o que é condizente com os resultados de outros estudos citados, portanto traz consequências sociais, psicológicas e morais para os sujeitos nessa condição.

Percebe-se que os entrevistados têm claramente a necessidade de relatar seu sofrimento, reforçando como é uma experiência social, que, como aponta Renault (2008), é tanto causa quanto consequência do percurso sociais catastróficas, pois envolve uma série de desequilíbrios. com o mundo contemporâneo.

Diante das discussões apresentadas, fica clara a relevância de se investigar não apenas os aspectos objetivos da precariedade, mas também toda a subjetividade e psicologia através dos temas da insegurança. Assim, à medida que essas discussões acontecem, elas também formam a base para o desenvolvimento de novas e viáveis políticas públicas e estratégias para enfrentar os desafios enfrentados pelos trabalhadores em condições precárias, promovendo assim uma saúde melhor e mais respeito para todos.

Diante desses fatores, é fundamental que governos e instituições de ensino adotem medidas efetivas para ampliar o acesso ao ensino superior e promover políticas de geração de empregos de qualidade. Só assim poderemos combater o desemprego no ensino superior e oferecer melhores oportunidades aos jovens brasileiros.

## **REFERÊNCIAS**

ALVES, Giovanni. O enigma do precariado e a nova temporalidade histórica do capital – parte 1. **Blog da Boitempo**, 14 mai. 2012. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2012/05/14/o-enigma-do-precariado-e-a-nova-temporalidade-historica-do-capital-parte-1/>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

ALVES, Giovanni. O que é o precariado? **Blog da Boitempo**, 22 jul. 2013a. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2013/07/22/o-que-e-o-precariado/>>. Acesso em: 31 mai. 2023.



ALVES, Giovanni. **Dimensões da precarização do trabalho**: Ensaio de sociologia do trabalho. Bauru: Canal 6, 2013b. Disponível em: <[https://www.canal6.com.br/amostras/iniciais\\_dim\\_precarizacao.pdf](https://www.canal6.com.br/amostras/iniciais_dim_precarizacao.pdf)>. Acesso em: 31 mai. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BRAGA, Rui **A política do precariado**: do populismo à hegemonia lulista. São Paulo: Boitempo, 2012a.

BRAGA, Rui. Por uma sociologia da inquietação operária. **Revista Latino-americana de Estudos do Trabalho – RELET**, v. 17, n. 27, p. 53–85, 2012b. Disponível em: <<http://alast.info/relet/index.php/relet/article/view/123/101>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

BUENO, Marcos; MACÊDO, Kátia Barbosa. A clínica psicodinâmica do trabalho: de Dejours às pesquisas Brasileiras. **Ecos**, v. 2, n. 2, p. 306-318, 2012. Disponível em: <<http://www.periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/1010/723>>. Acesso em: 09 jun. 2023.

CABRAL, Sueli Maria; VERONESE, Marília Verissimo. Trabalho e desemprego: mulheres na região do Vale dos Sinos-RS. **Desenvolve**: Revista de Gestão do Unilasalle, v. 9, n. 2, p. 27-44, 2020. Disponível em: <<https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/desenvolve/article/view/6886>>. Acesso em: 31 mai. 2023.

CARVALHO, Alba Maria Pinho de. A precarização estrutural do trabalho na civilização do capital em crise: o precariado como enigma contemporâneo. **Revista de Políticas Públicas**, v. 18, n. esp., p. 225-239, 2014. Disponível em: <<http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/2713>>. Acesso em: 09 jun. 2023.

CARVALHO, Carlos Henrique Ribeiro de. **Desafios da mobilidade urbana no Brasil**. Texto para discussão. Rio de Janeiro: IPEA, 2016. Disponível em: <[https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/6664/1/td\\_2198.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/6664/1/td_2198.pdf)>. Acesso em: 31 mai. 2023.

LINHART, Danièle. Modernisation et précarisation de la vie au travail. **Papeles del CEIC** (Centro de Estudios sobre la Identidad Colectiva), v. 43, p. 1-19, 2009. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3098902.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2023.

RENAULT, Emmanuel. **Souffrances sociales**: philosophie, psychologie et politique. Paris: La découverte, 2008.

STANDING, Guy. O precariado e a luta de classes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 103, p. 9–24, 1 mai. 2014. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/rccs/5521>>. Acesso em: 31 mai. 2023.